

Fernando Luiz Zancan¹

Os fósseis e o pragmatismo energético

O petróleo não é único hidrocarboneto que tem seu preço no teto. Verificando os preços do carvão metalúrgico e carvão vapor podemos ver como o desenvolvimento econômico tornou-se dependente do aumento de consumo dos combustíveis fósseis. Os preços do carvão termelétrico têm previsão de crescer 30 % este ano, alcançando o pico de 2008. Não é surpresa que os países que estão puxando o consumo de petróleo sejam os mesmos do carvão.

Observando as economias que mais crescem no mundo vemos que o carvão está por trás delas. Na China, o consumo de carvão deve crescer 10% esse ano, puxado por um enorme consumo de energia e aço. Além disso, o elevado preço do diesel e o fato que uma severa seca que baixou os níveis dos reservatórios impelem ao uso do carvão.

Na Índia, onde os blackouts são normais e 450 milhões de pessoas não têm acesso à energia elétrica, a demanda de carvão deverá crescer 20% esse ano. A China já tem 40% da produção mundial do carvão com menos de 15% das reservas. A produção de carvão na China está sempre atrás da demanda e está forçando o maior gerador a carvão do mundo a buscar supridores como Austrália, já passando a ser o segundo maior importador de carvão do mundo - o Japão, antes de Fukushima, é o primeiro.

No ano passado os chineses queimaram 3,2 bilhões de toneladas de carvão. Isso também é um grande desafio para a infraestrutura chinesa que teve transportar o carvão de regiões remotas para os centros industriais no leste. Mas, o maior desafio é que a produção chinesa de carvão que deve chegar ao pico em 2015, devendo cair perto de 2020.

Por isso o governo chinês está agindo de forma a ter um limite de produção, aumentando a eficiência das plantas termelétricas – as plantas mais eficientes do mundo estão sendo construídas na China para reduzir o consumo sem ameaçar sua segurança energética. Além disso, tornou o carvão metalúrgico como mineral estratégico e está diversificando sua matriz incorporando, todas as formas de energia.

A política energética está levando as companhias chinesas a comprar jazidas de carvão no mundo e já gastaram 21 bilhões de dólares em aquisições de reservas e empresas. A mesma estratégia está fazendo a Índia, que pretende construir 9 GW por ano nos próximos 20 anos sendo 80 % a carvão. Deverá importar carvão e por isso está indo a Austrália e aos países africanos- vide a competição com a Vale em Moçambique - buscar esse produto.

Em Novembro de 2010 a maior produtora de carvão da Índia - Coal India - fez o segundo maior IPO (venda de ações) do mundo, o primeiro foi da Petrobrás

– mera coincidência. Pragmaticamente os fósseis (carvão, petróleo e gás) são a energia do século XXI, com elevado padrão tecnológico atendendo as demandas do meio ambiente, cada vez são mais estratégicos para o desenvolvimento do planeta.

Às vezes ficamos com medo da pegada da onça, mas pragmaticamente num Brasil renovável invejado pelos verdes europeus, não será 6 mil MW de energia a carvão que influenciarão o meio ambiente do planeta, pois continuaremos mantendo a proporção de quase 50 % de energia renovável.

Esses 6 mil MW, que China e Índia colocam em operação a cada 3 meses, levarão 20 anos para estarem em operação no Brasil serão muito importantes para as populações e regiões onde os projetos serão desenvolvidos, gerando emprego e renda e atendendo o projeto do Governo de reduzir a miséria.

¹Fernando Luiz Zancan é presidente da ABCM